

## HONRAS NA SINAGOGA PARA UM JUDEU EM UM CASAMENTO MISTO: CARGOS E ALIOT

**RABINO JOEL ROTH**

*Este artigo foi adotado como uma opinião minoritária em 12 de dezembro de 1984 por uma votação de 5 votos a favor e 7 contra.*

*Membros votando a favor: Rabinos Isidoro Aizenberg, Ben Zion Bergman, David M. Feldman, Joel Roth e Israel N. Silverman.*

*Membros votando em oposição: Rabinos Elliot N. Dorff, Morris Feldman, David H. Lincoln, Judah Nadich, Mayer E. Rabinowitz, Henry A. Sosland e Gordon Tucker.*

*Nota: Um parecer dissidente assinado por oito membros do Comitê em seguida a este artigo.*

### **SHE'ELAH**

Devem os membros de nossas congregações que são casados com pessoas de outras religiões receberem honras dentro da estrutura da vida congregacional? Especificamente:

- (1) Eles deveriam ter permissão para ocupar cargos na sinagoga?
- (2) Devem receber *aliof*?

### **TESHUVAH**

Em janeiro de 1963, o *Committee on Jewish Law and Standards* discutiu e votou em dois documentos que tratam da situação do cônjuge judeu em um casamento misto. Os documentos, escritos pelos Rabinos Max Routtenberg e Wilfred Shuchat, estão publicados no *Proceedings of the Rabbinical Assembly* de 1964.<sup>1</sup> Dos dois autores, o Rabino Routtenberg era mais leniente, pois ele não proíbe a afiliação na própria sinagoga para a esposa judia. O Rabino Shuchat era favorável a negar a adesão ao cônjuge judeu que solicitou a adesão e requerendo a perda de filiação por um judeu que se casou em um casamento misto enquanto membro. As únicas circunstâncias em que o Rabino Routtenberg exigiu a perda de adesão por parte do cônjuge judeu era a recusa em dar aos filhos uma educação judaica e a recusa em ter os filhos convertidos ao judaísmo. A posição do Rabino Routtenberg foi adotada como a opinião majoritária do *Committee on Jewish Law and Standards*.

Embora os autores discordassem em detalhes, eles concordaram que o objetivo era tomar uma posição firme contra o casamento misto e indicar isso,

recusando-se a oferecer uma aparência de legitimidade ao casamento de qualquer forma. O parágrafo do artigo do Rabino Routtenberg diretamente aplicável à questão agora diante de nós diz: "O judeu casado em um casamento misto, embora admitido como membro na congregação, não terá o direito de exercer qualquer cargo ou servir como presidente de qualquer comissão, nem deve ser escolhido para quaisquer

Honras especiais."<sup>2</sup> Em um artigo que apresentei ao Comitê Jurídico em 1982 sobre o assunto da mitzvá de Keruv (que aparece em outro lugar neste volume), instei a reafirmar a posição do Rabino Routtenberg, acrescentando apenas que os judeus casados em um casamento misto

... são mais do que membros passivos de um casamento halachicamente impróprio.

- Eles tomaram uma decisão ativa de entrar nesse relacionamento, um relacionamento que consideramos de perigo supremo para a comunidade judaica. Que eles devem entender o fato de que seu casamento deve afetar seu status na comunidade judaica não é injusto ou antiético, é obrigatório e desejável.

Parece-me que o *Committee on Jewish Law and Standards* deveria reafirmar a posição do Rabino Routtenberg. Na verdade, o próprio fato de muitos oferecerem como evidência de que devemos agora nos tornar mais tolerantes parece-me indicar o polo oposto. O aumento de casamentos mistos é um fato que não pode ser negado. Mas novos fatos não precisam indicar a necessidade de acomodá-los. Na verdade, se a acomodação a eles serve para minar nossos compromissos fortemente assumidos, isso é contraindicado. A oposição absoluta ao casamento misto é um dos nossos compromissos mais firmes e devemos manter esse compromisso com todo o vigor. Cada leniência que adotamos em relação aos casamentos mistos enfraquece a capacidade de nossa comunidade de apreciar a força de nossos sentimentos. Permitir a um judeu casado em um casamento misto ocupar cargos na sinagoga deve ser entendido como uma implicação que seu casamento inaceitável é irrelevante para nós. E isso, por sua vez, o impregna

com uma aura de legitimidade que é contraproducente para as necessidades maiores de

a comunidade judaica. Quão vazios nossos sermões, aulas e palestras contra o casamento misto devem soar quando permitimos que a liderança de nossas sinagogas seja confiada àqueles cujos próprios casamentos são um anátema para nós. Quando Rav voltou para a Babilônia vindo de Israel, ele tomou medidas contra *atos* indesejáveis que ele encontrou lá. Permanecer firme não é menos aceitável ou desejável como uma opção do que acomodar. No mínimo, a opinião majoritária do *Committee on Jewish Law and Standards* desde 1963 deve ser reafirmada.

É minha suposição que, ao usar a frase, "escolhido para quaisquer honras especiais", o Rabino Routtenberg estava se referindo a itens como fazer uma homenagem a um judeu em um casamento misto em um jantar ou representante da sinagoga em uma organização comunitária, e não se referindo à questão da concessão a ele/ela de uma *aliá*.

Não conheço nenhuma fonte que proíba explicitamente a concessão de uma *aliá* a um judeu casado em um casamento misto. *Orah Chaim* 128: 40, no entanto, parece implicar com isso. Essa passagem proíbe conceder uma *aliá* a um Cohen casado com uma divorciada, embora todos concordem que tal união se trata de *kiddushin tofesin*. Não é improvável supor que o silêncio das fontes decorre do fato que homenagear um indivíduo que foi virtualmente condenado ao ostracismo pela comunidade era impensável.

Eu insisto que o *Committee on Jewish Law and Standards* adote a posição de que *aliot* para um judeu casado em um casamento misto não seja permitido em quase todos casos. Honrar aquele cujo casamento ameaça nossa comunidade implica que o casamento não é realmente uma ameaça. Essa é uma implicação que não podemos permitir promover. Eu faria uma exceção apenas para uma *aliá* em comemoração de um *yahrzeit*, porque nesse caso a percepção geral é que a *aliá* é dada em homenagem ao falecido. Essa percepção é suficientemente difundida para evitar qualquer medo de que a concessão da *aliá* implique aprovação do casamento misto.

## NOTAS

1. Max J. Routtenberg, "The Jew Who Has Intermarried"; e Wilfred Shuchat, "The Intermarried Jew and Synagogue Membership", *Proceedings of the Rabbinical Assembly XXVIII* (1964): 247-254.
2. Routtenberg, *ibid.*, P. 248.